

**CIDADE E MEMÓRIA: MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL TUANY  
TOLEDO DE POUSO ALEGRE/MG**  
*CITY AND MEMORY: TUANY TOLEDO TOWN HALL HISTORICAL  
MUSEUM OF POUSO ALEGRE/MG*

*Ana Eugênia Nunes de Andrade<sup>1</sup>*

*Luana Tais dos Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo propõe compreender os caminhos percorridos para a criação e organização da primeira exposição de objetos antigos de Pouso Alegre/MG. Analisamos a história da cidade, o cotidiano e as mentalidades presentes na sociedade nas décadas 1950 e 1960. Dirigimos nosso olhar a “Avenida Doutor Lisboa”, pois era ali que se localizava uma distinta loja chamada Casa Vitale, que foi palco da primeira exposição na cidade, para então se formar o embrião que daria em 02 de abril de 1990 origem ao MHMTT local destinado as memórias da cidade.

**Palavras-chave:** Museu. Avenida doutor Lisboa. Memória.

**Abstract:** This article proposes to understand the paths traversed to the creation, organisation of the first exhibition of ancient objects of Pouso Alegre/MG. We analyze the history of the city, the daily life and mentalities present in society in 1950 and 1960. We direct our gaze to "Avenida doctor Lisbon", because that was a distinct store called Casa Vitale, which was the scene of the first exhibition in the city, and then graduating the embryo that give rise to the April 2, 1990 MHMTT in place for memories of the city.

**Keywords:** Museum. Avenida doctor Lisbon. Memory.

A partir deste estudo procuramos entender o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHMTT) como um espaço público que busca preservar e transformar as muitas memórias da cidade e de seus sujeitos sociais. Alexandre de Araújo foi responsável pela criação do MHMTT. Ele foi o idealizador deste espaço único na cidade dedicado à preservação da história. O mesmo reuniu pessoas, que agruparam objetos,

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de História da Universidade do Vale do Sapucaí – Pouso Alegre/MG. Bolsista da Capes no Programa de Pós-Graduação de História/Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade do Vale do Sapucaí – Pouso Alegre/MG.

documentos, fotografias e não deixou que nada se perdesse no tempo, montou uma pequena exposição, que virou uma galeria e posteriormente o único museu de Pouso Alegre.

No campo da memória, percebemos um grande desafio perante a conservação, podemos assim dizer uma grande luta de sobrevivência. Colocamos como núcleo de nossas indagações as memórias produzidas pelo MHMTT, assimiladas e (re)significadas pelos sujeitos sociais.

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder e pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1990, p.410).

As memórias do MHMTT são um campo de batalhas ideológicas e de poder entre os vários sujeitos sociais de Pouso Alegre. Assim, o pontapé inicial para a criação de um museu na cidade dá-se no ano de 1965<sup>3</sup>, quando Alexandre de Araújo organiza a primeira exposição nas vitrines da Casa Vitale, que se localizava na Avenida Doutor Lisboa, área central da cidade.

Esta mostra contava com poucas peças e documentos, a maioria emprestada e doada pelos amigos. Nota-se que a cidade não contava com um local apropriado para a realização desse evento. Percebe-se que a população e os políticos da época não tinham consciência da importância de um espaço em que se pudessem guardar sonhos, sentimentos, pensamentos que ganhariam corpo através de imagens, jornais e objetos. A partir da primeira exposição, começa-se a pensar na criação de um museu, “que seria a ponte que ligaria e desligaria mundos, culturas e memórias de pessoas diferentes” (CHAGAS, 2006, p. 13).

Por meio deste trabalho, discutimos que o espaço do Museu não é apenas um local onde se guarda coisas antigas e ultrapassadas, mas sim um lugar de pesquisa, sociabilidade e abrigo da memória social. Buscamos mostrar que os museus, no contexto aqui trabalhado o MHMTT, exercem variadas funções e ligações com a cidade e seus agentes sociais. Os museus folclorizadores são aqueles que transformam os seus objetos e a relação entre eles e a comunidade em que se inserem em conjunto de bens e formas culturais tradicionais inalteráveis, tentando nunca mudar as tradições. Assim um museu que folcloriza valoriza a repetição dos objetos e não a sua transformação. São ricos em descrições, mas não explicam o popular. “O trabalho folclórico é um

---

<sup>3</sup> Ano em que se comemorou o 117º aniversário de emancipação político-administrativo da cidade de Pouso Alegre. Nesta mesma data realiza-se a primeira exposição de documentos, fotos e antiguidades da cidade.

movimento de homens de elite que, através da propaganda assídua, esforçam-se para despertar o povo e iluminá-lo em sua ignorância” (CANCLINI, 2003, p.209).

É fundamental a criação de um programa institucional permanente, capaz de restituir o papel de espaço destinado à construção e disseminação do conhecimento na sociedade, assim poderá barrar o processo em curso em todo o mundo, de espetacularização do patrimônio cultural que tem reduzido os museus a lugares de turismo e lazer.

O MHMTT é um espaço que dinamiza a relação entre o museu e a comunidade de Pouso Alegre. Diante disso podemos vê-lo como espaço de manifestação de variadas culturas, de sociabilidade, das vivências e experiências, das memórias e histórias dos sujeitos sociais pouso-alegrenses, mostrando assim que existem várias histórias: a minha, a sua, as outras histórias, pois cultura é movimento, não devemos ter um único olhar, temos que ver além, o dito e o não dito, assim percebemos a memória no plural e o homem em sua totalidade.

Segundo Sarlo (1997) precisamos nos atentar que o olhar político, embora nos mostre e recorde a história, não a vê como somente uma depositária de fatos memoráveis e datas, e sim, confere à história um olhar crítico, colocando em foco as relações entre presente e o passado, colocando em destaque as diferenças e descobrindo nelas as disputas ideológicas existentes.

Para Barros (2007), as discussões sobre cotidiano, cidade e história começam a ganhar peso na historiografia nacional e mundial contemporânea. Para a compreensão das discussões que circundam este trabalho, utilizamos da análise das obras de memorialistas que discorrem sobre a história da cidade de Pouso Alegre, e nos apoiamos em teóricos que discutem Patrimônio, Cidade e Memória.

Compartilhamos da concepção de que a “cidade é um centro de poder, não apenas de poder econômico, mas também de poder em geral sobre todas as pessoas” (LE GOFF, 1998, p.12). Ao analisarmos o MHMTT como sendo um espaço oriundo do meio urbano pouso-alegrense, também estudamos a referida cidade e seus espaços. Neste trilhar o memorialista pouso-alegrense Oliveira (1900) coloca que:

O município de Pouso Alegre, entre os séculos XIX e XX, possuía não mais que 499 casas, com uma população estimada em 2.600 habitantes, sendo um ambiente rural, com poucas ruas calçadas, sem uma rede de esgoto e iluminação precária sendo ainda uma cidade em construção e delineamento.

Araújo, em sua obra memorialista sobre a cidade de Pouso Alegre, afirma que:

[...] a cidade já conta com várias escolas, o cinema Cine-Eldorado, o primeiro exemplar do jornal O Linguarudo, correios, Parque Infantil. [...] Em 1959 é autorizado o funcionamento da Faculdade de Direito do Sul de Minas, em 1968 a Faculdade de Ciências Médicas é autorizada a funcionar. Pouso Alegre começa a receber suas primeiras indústrias, bancos (ARAÚJO, 1997, p. 30).

Nessa perspectiva começamos a perceber as mudanças sociais e econômicas que Pouso Alegre passa a sofrer no decorrer do século XX. Muitas instituições educacionais e econômicas foram criadas. Assim, Almeida (2004) diz que

O tema cidade está cada vez mais presente na cena historiográfica brasileira: a constituição do espaço urbano, o fazer-se da cidade como expressão de uma multiplicidade de experiências. (...) O espaço urbano se caracteriza a nosso ver, como um espaço de disputas sempre presente nas suas diversas dimensões.

Vendo este desenvolvimento, o aumento da população, começa-se a pensar em um espaço para se preservar as muitas histórias e memórias da cidade. O espaço do Museu foi analisado não como um espaço onde se guardam histórias e objetos estagnando-os no tempo e espaço, mas como ele foi tomado e analisado como sendo um local onde memórias e histórias se (re)significam e se moldam constantemente, pois “o novo não nega o anterior” (SARLO, 1997, p. 56). Neste pensar, Santos (1997) nos coloca: “os museus [...] não se tratam apenas de celebrar a história, mas de definir o passado a ser recuperado, o passado que deveria ter direito à perpetuidade e direito à visibilidade”.

A partir dos anos 1960 surgem em parte da população de Pouso Alegre discussões sobre a necessidade da criação de um local para a preservação das histórias e memórias de seus agentes sociais. Essas discussões são articuladas com intensos olhares sobre a reformulação dos museus no país. Os debates procuravam compatibilizar suas atividades com as novas demandas da sociedade. No decorrer dos anos 1960 e 1970, os museus abandonam a idéia de espaços consagrados exclusivamente à cultura das elites, aos fatos e personagens excepcionais das histórias locais e passam a incorporar questões da vida cotidiana das comunidades. O passado dos agentes sociais simples que compõem as comunidades passa a ter direito à perpetuidade e visibilidade.

A nova museologia deve partir do público, ou seja, de dois tipos de usuários: a sociedade e o indivíduo. Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviço dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”: para a educação, a identificação, a confrontação, a conscientização, enfim, museu para uma comunidade, função dessa mesma comunidade (SANTOS, 1997, p. 49).

Alexandre de Araújo, em outubro de 1965, redige um documento à mão e o mesmo é tido como o embrião que futuramente daria origem ao Museu da cidade de Pouso Alegre.

A história de Pouso Alegre, pela 1ª vez retratada nessa exposição nas vitrines da “Casa Vitale”, na Avenida Doutor Lisboa, por ocasião do 117º aniversário da cidade (...). Exposição organizada por Alexandre de Araújo. Vitrines da Casa Vitale. Esta relação é o embrião que crescerá, redundando num Museu, retratando o passado de Pouso Alegre.<sup>4</sup>

Um espaço museológico que retrataria em seu interior não apenas um passado morto e estagnado, e sim um local de preservar as memórias e objetos que nos fazem lembrar, reviver e (re)significar épocas passadas, pois o historiador social não trata o passado apenas e unicamente como repositório de histórias e memórias longínquas e estanques, ele também o vê como uma fonte rica e diversa que pode oferecer muitas análises e compreensões do presente.

(...) trata-se de enfatizar o trabalho de compreensão e crítica das diversas linguagens instituídas de memórias sociais, destacando a construção de temporalidades, projetos e sujeitos sociais. Tudo isso supõe a busca de materiais que nos possibilitam eleger momentos, processos e lugares significativos da experiência social de indivíduos, grupos e classes sociais e aí vislumbrar conflitos e tensões, articulações entre memórias hegemônicas e alternativas produzidas na experiência cotidiana de viver. (ALMEIDA, 2004, p. 43-44).

Entendemos o MHMTT como patrimônio social e cultural para os agentes sociais dele frequentadores e para a cidade de Pouso Alegre. “[...] Os objetos antigos e monumentos nos fazem lembrar, nossa memória retorna ao passado” (CHOAY, 2001, p. 139-140).

---

<sup>4</sup> Documento retirado do acervo do MHMTT. Escrito pelo idealizador do Museu, Alexandre Araújo.

Devemos, então, de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural. Essa a justificativa do “por que preservar” (LEMOS, 1985, p. 7).

O MHMTT também foi tomado como um espaço que guarda e ou faz a ligação entre as histórias, memórias e experiências sociais e culturais e os agentes sociais da cidade, tentando situar estes como sendo frutos de histórias, memórias e culturas por eles produzidas.

Memória, é política, é trabalho, é história, é técnica, é cozinha, é vestuário, é religião, é festa, etc. Ali onde seres humanos criam símbolos, valores, práticas, há cultura. Ali onde é criado o sentido do tempo do tempo, do visível e do invisível, do sagrado e do profano, do prazer e do desejo, da beleza e da feiúra, da bondade e da maldade, da justiça e da injustiça, ali há cultura (CHAUÍ, 1992, p. 31).

O museu é um espaço repleto de culturas, não por guardar a história de um determinado lugar, mas por ser um local onde existem símbolos, valores, práticas, histórias e memórias cotidianas dos variados sujeitos sociais que viveram e vivem naquele tempo e espaço. Por isso foi necessário o estudo sobre memória e cidade. A memória é, por definição, um termo que chama a nossa atenção não para o passado, mas para a relação passado-presente. É porque o 'passado' tem esta existência ativa no presente que é tão importante politicamente.

## **ORGANIZAÇÃO URBANA EM PAUTA**

A cidade de Pouso Alegre, localizada no sul de Minas Gerais, na década de 1950 possuía em média uma população de 24.000 habitantes. A cidade estava em pleno desenvolvimento, contava com mais de 230 estabelecimentos comerciais, 5 hotéis, 3 tabelionatos, 10 publicações de jornais variados, 2 cinemas, variadas farmácias, o Hospital das Clínicas Samuel Libânio, bancos, escolas, linhas de ônibus e linhas aéreas, circulavam em média na cidade cerca de 135 automóveis e 180 charretes.<sup>5</sup> Com este breve apanhado dos comércios existentes em Pouso Alegre, já temos uma idéia de como a cidade estava se constituindo.

---

<sup>5</sup> Informativo Pousoalegrense. Pouso Alegre, 1957. p. 33. Arquivo do Museu Municipal Tuany Toledo.

Comparar a cidade a um texto é algo muito interessante, pois as construções, ou melhor, a organização urbana, nos descreve como é aquela cidade. Sua paisagem fala de sua tecnologia; seus monumentos de sua mentalidade, seus caminhos de suas atividades econômicas, seus mendigos da distribuição de renda ali existente (CERTAU, 1994, p.77).

Percebemos que a cidade está com inúmeros comércios destinados à elite <sup>6</sup> pouso-alegrense, nas ruas do centro as construções são de sobrados imponentes, mostrando poder e status, pois nesta região só moravam pessoas de famílias ilustres e que possuíam bens. Está sendo inaugurado o término da construção da Igreja Matriz, se iniciam as atividades do Conservatório Estadual de Música denominado Juscelino Kubitschek de Oliveira, o novo prédio do Carmelo da Sagrada Família fica pronto, localizando-se no fim da Rua Comendador José Garcia. Apesar do desenvolvimento da área urbana, sabe-se assim que Pouso Alegre continua tendo como suas atividades principais a agricultura, por isso era constante o trânsito dos carros de bois pela cidade indo levar seus produtos para serem vendidos no Mercado Municipal. Esse traço rural na cidade se debate com a modernidade que tenta se impor a qualquer preço, um exemplo é que na década de 1950 existia em Pouso Alegre a Cia de Aviação Consórcio Real Aerovias, que mantinha em dias alternados vôos para Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, todo o conforto e agilidade para os grandes centros do país. Tinha-se também a rede ferroviária Rede Mineira de Viação, que diariamente fazia linhas para São Paulo, Itajubá e Rio de Janeiro.

O Informativo Pousoalegrense trazia em suas páginas mensagens dizendo o quanto o desenvolvimento dos transportes que se fazia em Pouso Alegre era importante:

Constitui evidentemente forte fator de progresso a imensa rede de comunicações que possui o município de Pouso Alegre, tornando-o de fácil acesso a tôdas as cidades circunvizinhas e aos grandes centros do país, com facilidade de escoamento de sua produção.<sup>7</sup>

A partir da década de 1950 a cidade começa a sofrer fortes influências da mentalidade progressista. A Avenida Doutor Lisboa refletia muito bem o início do desenvolvimento urbano e industrial de Pouso Alegre.

Percebemos as tentativas de modernização da região central da cidade. A Estação Ferroviária se localizava no final da avenida, tendo um intenso movimento e

---

<sup>6</sup> Entendemos como elite de Pouso Alegre nas décadas de 1950 e 1960 a classe social formada por fazendeiros, políticos, empresários, grandes comerciantes e militares.

<sup>7</sup> Informativo Pousoalegrense. Pouso Alegre, 1957. p. 35. Arquivo do Museu Municipal Tuany Toledo.

circulação de pessoas e nesse momento o transporte ferroviário simbolizava um dos ideais modernizadores da época. Todos que chegavam de trem desciam e já se deparavam com a imponente avenida a sua frente, tendo inúmeros e diversificados comércios para realização de suas compras e diversão com a família. Mas ao mesmo tempo, neste cenário de progresso estão os carros de tração animal e as ruas sem calçamento. Notamos a circularidade entre o moderno e o rural, desconstruindo os discursos políticos da época que colocavam que Pouso Alegre era uma cidade a caminho do progresso.

Assim podemos perceber a influência da Avenida Doutor Lisboa localizada numa região privilegiada. Em pleno coração da cidade, onde o fluxo de pessoas era intenso. E assim teremos uma noção de como era o comércio que girava em torno desta via. Esse caminho dava lugar aos imponentes comércios da cidade, que investiam na divulgação de suas lojas através dos jornais da época, induzindo a população a pensar que suas mercadorias eram os melhores, que o preço era excelente e que com certeza utilizando os seus produtos a pessoa estaria na moda, pagando pouco e com muito bom gosto e requinte. Desta maneira os “comerciantes, agentes de um mercado em acelerado desenvolvimento, encontram nos jornais o espaço de visibilidade para seus produtos e serviços” (CRUZ, 2000, p. 153).

Assim entendemos a relação da imprensa como “linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade própria, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando a cada momento, as relações imprensa/sociedade” (CRUZ, 2007, p.258). Os jornais e periódicos circulavam pela cidade com seus anúncios, com a maioria dos ilustres comércios da cidade estampando em suas páginas os seus produtos e propagandas, assim os mesmos serviam de “disseminação de idéias, projetos, valores, comportamentos, etc.” (CRUZ, 2007, p. 259). Os anúncios influenciavam as pessoas em seu modo de vestir e de se comportar, enfim eram um meio de persuasão da população pouso-alegrense. Assim eles “buscavam cativar o consumidor e conquistar sua preferência” (CRUZ, 2000, p. 154).

O comércio era centralizado nessas principais ruas, e os donos de lojas começam a construir sobrados e na maioria das vezes a residência da família era na parte superior e na parte de baixo ficava localizado o comércio. As ruas centrais eram arborizadas, limpas de acordo com as propostas higienistas, com amplas calçadas e pessoas transitavam pelas vias olhando as vitrines das lojas, que chamavam a atenção dos fregueses pelas decorações e arrumações em torno das mesmas.



Juntos vamos lembrar-nos de como era a Avenida Doutor Lisboa dos anos cinquenta e sessenta. O calçamento era com paralelepípedos, o centro da avenida era dividido com canteiros e com os postes de iluminação pública, e nas calçadas existiam árvores bem cuidadas. Os postes eram de ferro, pintados de preto com duas luminárias cada. Suas lâmpadas clareavam tão pouco que brincávamos, dizendo que era necessário acender um fósforo para saber se a lâmpada estava acesa (ANDRADE, 2010, p. 79-80).

Discussões sobre cidade e seus elementos ganham força no século XIX, quando estudiosos das ciências sociais tentam defini-la em toda a sua complexidade. Analisando os jornais da época foram encontrados inúmeros anúncios, e os comércios que mais divulgavam seus produtos eram: “Casa Vitale que era uma loja de artigos de luxo, roupas e acessórios, a Agência Rebello era uma lotérica e apostava na divulgação dizendo que na região foi o local de *record* absoluto em sortes grandes da Loteria Mineira e Federal, em todos os exemplares dos informativos analisados, a Farmácia São Geraldo lá esteve imponente com meia página reservada somente a ela e a Casa Andare”<sup>8</sup>.

### **CASA VITALE: VITRINE DA CIDADE**

A Casa Vitale era uma loja de artigos de luxo, que comercializava produtos importados e outros periódicos analisados citam que os produtos vendidos na loja deixariam os homens e mulheres da elite totalmente na moda. Percebe-se aí que nem todos os pouso-alegrenses utilizavam aquele espaço para suas compras. A nosso ver, os produtos desta e de outras lojas do ramo eram destinadas à elite de Pouso Alegre, pois os produtos eram de altíssima qualidade e certamente os preços não eram acessíveis a toda a população.

---

<sup>8</sup> Jornal Informativo Pousoalegrense, nº 293. Junho de 1957. pp. 12-26. Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

Além do tradicional passeio pela calçada da Praça Senador José Bento, era costume descer pela Avenida Doutor Lisboa, para ver as vitrines da Casa Andare, da Casa Vitale, do Bazar Mineiro, e das demais lojas ali instaladas. Preocupavam-se com que sua vitrine chamasse a atenção das pessoas, colocando à mostra as roupas e os artigos de luxo que a loja vendia. Uma curiosidade interessante era a exposição de fotos de casamentos, aniversários, das debutantes e festas de formatura, que eram colocados nas vitrines. Um aglomerado de pessoas disputava um lugar para ver de perto aquelas fotos. (...) Era chique aquela exposição, por isso a disputa da vitrine era grande, tanto na Casa Andare como na Casa Vitale. A reserva para a exposição das fotos era feita com antecedência, para que aparecesse logo após o evento (ANDRADE, 2010, p.15).

Percebemos aí a utilização desses espaços por toda a população, mesmo que fosse só para olhar as exposições que as lojas faziam em suas vitrines das imagens das festas que as classes mais altas realizavam. Fica evidente que a classe elitista fazia questão de ver seus eventos retratados nas vitrines das lojas mais famosas da cidade, e as “pessoas comuns” (HOBBSAWN, 1998, p. 229) também faziam questão de ver estas exposições, que acabavam sendo uma distração nos finais de semana. Através da citação acima podemos perceber que estas duas importantes lojas da cidade disputavam em suas vitrines as exposições das fotografias e arrumações. E as mesmas ficavam de frente uma para a outra.

Por meio deste fervor cultural que passava o Brasil relacionado aos museus, os pouso-alegrenses consideravam necessário um local apropriado para a guarda da memória, pois sabemos que um museu não deve ser entendido como um local de simples exposições, mas como um espaço de reflexão, de formulação de questionamentos e de indagações. Tuany Toledo foi prefeito de Pouso Alegre entre os anos de 1936 a 1941, foi vereador por quatro mandatos, presidente da Câmara Municipal e também escritor, foi um dos primeiros a discursar sobre a necessidade de um museu na cidade.

Para meus comentários de hoje, escolhi de preferência um tema palpitante: o Museu Histórico de Pouso Alegre. Sou dos que pensam que um empreendimento como esse tem um sentido de expressão cultural e, por isso, merecê o apoio de todos os homens que respeitam os valores da inteligência. (...) Cada cidadão, mesmo o mais humilde, conhece a história dos monumentos de sua terra e fala deles com ternura que revela bem o orgulho de se saber descendente dos obreiros ilustres que os edificaram. E a instalação do futuro museu vem na hora certa para reforçar aqueles mesmos ideais que inspiraram os homens que confiaram na inteligência e no bom senso da mocidade de hoje. (...) deixo nas páginas desta brilhante revista o meu sincero apelo no sentido de que dentre em breve sejam concretizados os sonhos que em tempos idos foram acalentados pelos grandes obreiros do passado (TOLEDO, 1991, p. 79-81).

Percebemos nas palavras de Tuany Toledo que era urgente a construção de um museu para a cidade, pois precisava de um local onde os ilustres pudessem ser lembrados. Isso fica evidente em sua fala, visto que a maioria dos museus no mundo era assim, destinados aos grandes nomes e fatos importantes e em Pouso Alegre não seria diferente. Os políticos e as famílias ilustres precisavam de um local que pudessem expor um pouco dos seus feitos, queriam ter seus nomes guardados nas memórias das pessoas.

Todas essas solicitações e movimentos para a criação de um museu se acalentam no tempo e voltam alguns anos depois. Em 1964 surge uma figura que praticou importantes ações na sociedade pouso-alegrense. Alexandre de Araújo inicia seus trabalhos como secretário na Câmara Municipal de Pouso Alegre, sendo convidado pelo Presidente da Câmara o senhor Argentino de Paula. As ações de Alexandre tiveram fundamental importância para a construção de um espaço destinado à memória na cidade, foi ele o idealizador e fundador do MHMTT. Em entrevista com Alexandre de Araújo ele nos fala como surgiu esse sentimento por se guardar lembranças, objetos, enfim, histórias:

Eu sempre admirei coisa antiga, coisa velha e no meu tempo, e naquele tempo era coisa velha, as escrivatinhas, os armários, xícaras, pires, pratos e surgiu esse instinto no meu íntimo, (como é que eu digo)... essa vontade de adorar tudo que é antigo.(...). Eu sempre gostei do velho, do antigo, do antiquado. É uma coisa assim, tem certas coisas que você não sabe explicar como é que surgiu.<sup>9</sup>

É notável em seu depoimento o prazer em falar sobre o seu passado, o seu gosto por objetos mais antigos, pois “a fala oral está sempre impregnada de memória”

<sup>9</sup> Depoimento cedido por Alexandre de Araújo, conforme autorização de uso em carta de cessão à pesquisadora na data de 25/07/2012.

(FENELON, 2004, p. 178). Fica claro que Alexandre de Araújo pertencia a uma classe mais bem sucedida. Sua residência ficava na famosa Avenida Doutor Lisboa e deste modo sempre viveu em uma classe mais elitista da cidade.

Neste estudo refletimos que “deve-se olhar além daquilo que é dito, pois pode nos revelar toda uma cultura em que o entrevistado está inserido” (FENELON, 2004, p. 12). Alexandre de Araújo foi um ator social cujas ações foram importantíssimas na construção da memória de Pouso Alegre, pois sozinho organizou em 1965 uma exposição na cidade, que foi realizada nas vitrines da Casa Vitale, mais uma vez vimos esta loja em destaque na cidade.

Alexandre de Araújo era amigo de infância dos herdeiros da Casa Vitale, isso também serviu de fins lucrativos para os donos da loja. Alexandre escolheu a mesma para sediar a exposição de documentos, fotografias e objetos que seria realizada em homenagem ao 117º aniversário da cidade. Isso foi motivo de intenso movimento na cidade, houve divulgação da exposição em jornais e periódicos da época.

O 117º Aniversario de Pouso Alegre: Pouso Alegre comemorará hoje dia 19, a data magna de sua emancipação política. Foi a 19 de outubro de 1848 que a antiga Vila de São Bom Jesus do Mandu recebeu o título de POUSO ALEGRE. Para comemorar essa data gloriosa, a Câmara Municipal organizou o seguinte programa: Dia 17- Domingo- às 09:00 horas, nas vitrines de a “CASA VITALE”, abertura da EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE POUSO ALEGRE. Dia 19- 3ª feira- data de seu aniversário (...) na sala de sessões da Câmara Municipal, SESSÃO ESPECIAL de inauguração da “GALERIA DOS EX-PRESIDENTES DO LEGISLATIVO MUNICIPAL”. Esse evento de suma importância no calendário da história de Pouso Alegre virá rememorar os vultos do passado, a sua imprensa e os aspectos urbanísticos de Pouso Alegre de antanho<sup>10</sup>

Essa exposição durou cerca de dez dias e teve intenso movimento da população pouso-alegrense. As pessoas queriam conhecer a exposição e queriam saber de quem eram aqueles objetos. Os objetos, documentos e fotografias que ficaram expostos eram dos próprios moradores da cidade:

---

<sup>10</sup> Jornal O Linguarudo. Pouso Alegre. Outubro de 1965. Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

Quando souberam que eu ia fazer a exposição, a galeria, todo mundo queria ver sempre o nome escrito. Eu ia buscar e quando terminou eu entreguei. [...]. E quando eu encerrei a exposição eu devolvi tudo pra quem havia cedido o material.<sup>11</sup>

As pessoas faziam questão de emprestar seus objetos, fotografias e documentos, pois sabiam que teria uma etiqueta de identificação mostrando a todos que fossem prestigiar a exposição quem havia fornecido os materiais. Como fica claro no depoimento acima cedido pelo senhor Alexandre de Araújo, todos queriam ver seus nomes expostos junto com seus pertences. E verificando os documentos referentes a essa exposição percebemos quem eram essas pessoas, e não poderia ser diferente, todos faziam parte da elite.

O Clube Literário e Recreativo enviou o Livro de Ouro, no qual são encontrados registros de cartas de alforria de escravos da região, uma encadernação de “O Prgoeiro Constitucional” e uma foto da inauguração do Hospital Regional.

O Livro de Ouro, que se encontra até os dias atuais em poder do MHMTT, foi criado em 16 de julho de 1887, era destinado ao registro de cartas de liberdade, que eram concedidas ao escravo gratuitamente pelo proprietário, com a ajuda da Câmara e com recursos da própria pessoa escravizada. Depois do fim da escravidão o livro encerra seus registros e fica sendo de propriedade do Clube Literário e o mesmo é emprestado para a primeira exposição de objetos e documentos da cidade. Só depois da criação do MHMTT é que o Livro de Ouro passa a pertencer ao Museu, que é o local adequado para sua preservação.

Tuany Toledo, político, mandou 20 fotografias diversas e uma planta de cadastro da cidade. O Palácio Episcopal mandou uma fotografia de Dom Otávio, Geraldo Camargo.

A família de Doutor José Antônio de Freitas Lisboa, médico influente na cidade, enviou uma tela com a sua imagem, o mesmo nasceu em Campanha e aqui em Pouso Alegre deu nome a Avenida Doutor Lisboa. Recebeu o diploma de médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, depois de brilhante defesa de tese. Um exemplar original dessa tese está em exposição permanente no Museu, bem como alguns dos instrumentos médicos (navalha e bisturis) utilizados pelo Doutor Lisboa. Depois de se formar, ele passou a clinicar em Pouso Alegre e cidades vizinhas. No dia 7 de julho de 1865, recebeu de D. Pedro II a carta patente de “capitão cirurgião-mor” do comando da Guarda Nacional dos municípios de Pouso Alegre. Em sua homenagem, uma das principais vias de Pouso Alegre recebeu o nome de Avenida Doutor Lisboa.

---

<sup>11</sup> Depoimento cedido por Alexandre de Araújo, conforme autorização de uso em carta de cessão a pesquisadora na data de 25/07/2012.

Assim percebemos que o mesmo era querido pela população tanto como um bom médico quanto como político.

Atualmente no MHMTT seu retrato, apesar de ser uma tela grande, não ocupa um local de tanto destaque, o que na maioria das vezes pode se passar despercebida, só que na época da exposição em 1965 os olhares elitistas eram os que prevaleciam, os grandes nomes e feitos eram importantes para o engrandecimento das famílias e por isso a fotografia do Dr. Lisboa teve seu lugar de evidência reservado na exposição na Casa Vitale.

José Sabino de Azevedo mandou 14 fotografias da cidade, Olavo Gomes enviou 12 fotografias da cidade de 1904 e uma fotografia da primeira parada de sete de setembro realizada em Pouso Alegre no ano de 1918. José Custódio de Barros mandou uma fotografia da cadeia velha, já Sylvio Fausto de Oliveira, que era advogado na cidade, enviou alguns jornais, entre eles o Livro do Povo, de 1883. Dona Margarida Queiroz, que era professora e farmacêutica, ajudou na exposição com fotografias de sua família e um exemplar da Revista Careta.

Temos aqui uma relação do que foi divulgado nesta exposição e quem foram as pessoas que ajudaram Alexandre de Araújo a organizar o evento. Percebemos que tudo o que foi exposto nessa mostra tinha um caráter mais elitista, das famosas famílias de Pouso Alegre. Mas toda população esteve presente e foi um sucesso o evento. As pessoas iam ver a exposição, pois muitas fotografias da cidade ou até mesmos objetos traziam na memória dos habitantes experiências e lembranças pretéritas que já haviam pertencido àquelas pessoas ou a seus familiares. Resta saber até quando o desejo de muitos de se ter um local apropriado para as muitas memórias da cidade e de seus viventes ficaram acalentados no tempo.

No campo da memória, percebemos um grande desafio perante a conservação, podemos assim dizer uma grande luta de sobrevivência. A memória “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro, de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1996, p. 477). Neste caminho teórico colocamos como núcleo de nossas indagações, as memórias produzidas pelo MHMTT, assimiladas e (re) significadas pelos sujeitos sociais.

A partir dos anos de 1970 a visão de museu passa a ser olhada diferente, ele passa a ser (re)significado, não encarado como museu de alguém e sim museu para alguém. E na cidade de Pouso Alegre, vemos o olhar dos políticos e dos cidadãos para a constituição deste espaço que começa a ganhar nova forma, devido à persistência de Alexandre de Araújo, que foi o primeiro a ir atrás deste ideal de se fazer um lugar dedicado a guarda da memória da cidade.

A Galeria foi aos poucos se remodelando aos conceitos da nova museologia que surge no Brasil. Ela passa a incorporar questões da vida cotidiana da população. O passado dos agentes sociais simples que compõem a comunidade passa a ter direito à perpetuidade e visibilidade.

Essa mudança de perspectivas ajuda a Galeria a se tornar o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo. Ele passa agora a receber objetos de toda população pouso-alegrense. Assim como a História vive em constante movimento, o Museu agora também está em constante movimento, passa a ter objetos que remontam à história e à memória da simples população. Redescobrimos o poder de um museu na memória das pessoas. Hoje o Museu Histórico Municipal Tuany Toledo abriga em seu interior o passado e as muitas histórias e memórias dos diversos sujeitos sociais da cidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e desencantos da cidade: trajetórias, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970 – 2000. In: FENELON, Déa. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto de. KHOURY, Yara Aun (Orgs). **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d' água, 2004.

ANDRADE, Antônio Célio Rios de. **Pouso Alegre Pitoresca**. Pouso Alegre: Graficenter. 2010.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHAGAS, Mário; JUNIOR, José do Nascimento. **Museus e política: apontamentos de uma cartografia**. Belo Horizonte, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura e Patrimônio Histórico. In: **O Direito a Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DOH, 1992.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana**. São Paulo: EDUC, 2000,

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador. Conversas sobre história e imprensa. In: Revista **Projeto História**. São Paulo, nº 35. 2007.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Muitas Memórias, Outras Histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo

Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP, UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico**. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Antônio Marques. **Almanack do Município de Pouso Alegre**. Rio de Janeiro: Casa Mont' Alverne, 1900.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Memória-cidadã: história e patrimônio cultural. **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro, v. 29, 1997.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: Edusp, 1997.

TOLEDO, Tuany. Revista Equipe. N° 3. Janeiro de 1972. In: **Trabalhos dispersos**. Memória Histórica. Pouso Alegre: Gráfica João XXIII Ltda. 1991.